

“Então, chegaram a Betsaida; e lhe trouxeram um cego, rogando-lhe que o tocasse. Jesus, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia e, aplicando-lhe saliva aos olhos e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe: Vês alguma coisa? Este, recobrando a vista, respondeu: Vejo os homens, porque como árvores os vejo, andando. Então, novamente lhe pôs as mãos nos olhos, e ele, passando a ver claramente, ficou restabelecido; e tudo distinguia de modo perfeito” (Mc 8.22-25).

A tradição teológica ocidental ignorou a presença negra na constituição da Bíblia. Como demonstrado por Maricel Mena-López³, a geografia e as genealogias constantes na Bíblia acusam um intercâmbio entre a África e o povo israelita. Houve um intercâmbio em diversas áreas: econômica, cultural, étnica, etc. Os pesquisadores do Antigo Testamento, no entanto, se recusam a aceitar um intercâmbio religioso. O povo israelita se definia como um povo formado no Egito (Êx 1.7; Dt 5.6; 26.5), mas, ainda assim, este fato parece não ser levado muito em consideração.

Há a aceitação de que povos do Oriente, como a Assíria e a Babilônia, influenciaram a constituição da identidade do povo eleito. No entanto, outros povos freqüentemente citados no Antigo Testamento simplesmente parecem não influenciar em nada a religião e auto-compreensão israelita. Entre estes povos, podemos lembrar os cuchitas, os egípcios e os cananeus. Mas o que estes povos têm em comum? Como

demonstrado no artigo de Maricel, os israelitas viam todos estes povos como descendentes de Cam, ou seja, como afro-descendentes. O que faz com que a pesquisa teológica ocidental os esqueça?

Algumas hipóteses sobre a negligência da experiência e presença negra na Bíblia

Pensamos que não é por acaso que a presença negra na Bíblia é ignorada. Temos uma primeira hipótese: a presença negra é ignorada por motivos epistemológicos. Não é possível enxergar a presença negra na Bíblia porque se está cego para ela. A metodologia de pesquisa migra muito rápido para a Mesopotâmia, ficando lá suas raízes, sob o pressuposto não dito de que nada de bom pode vir da África. Trata-se de uma limitação paradigmática: os paradigmas utilizados para a compreensão da Bíblia são os norte-atlânticos, de modo que excluem a possibilidade de coexistência com outros paradigmas.

Thomas Kuhn nos auxilia a entender esta limitação paradigmática. Segundo ele, “o que um homem vê depende tanto daquilo que ele olha como daquilo que sua experiência visual-conceitual prévia o ensinou a ver.”⁴ Para Kuhn, portanto, o olhar do/a pesquisador/a está inserido dentro de um paradigma, que dá as possibilidades de descobertas e, também, os limites para estas descobertas. A partir disso, podemos ver que não há “objetividade” em sentido estrito, pois a experiência do leitor, seja um pesquisador ou não,

entrará como uma das chaves para o entendimento da Bíblia.

Quando Peter Nash iniciou a pesquisa sobre a existência de pessoas negras na Bíblia, não esperava descobrir que havia tamanha influência negra na constituição do povo e da história bíblica. Segundo ele, o povo israelita “caminhou na África e no Oriente Próximo; terras dos povos negros e morenos.”⁵

Ele defende⁶ que podemos falar da presença negra na Bíblia pelo menos de quatro maneiras diferentes: geneologicamente; geograficamente; mitologicamente; teologicamente: a partir de genealogias, poderemos perceber que o povo israelita tinha uma multiplicidade de origens étnicas. Isto foi demonstrado por Pedro Acosta-Leyva no seu artigo.⁷ Com a geografia, podemos entender o intercâmbio existente entre os povos africanos e os israelitas. Exemplos de trocas econômicas e culturais nos dão os reinos de Cuch e o próprio Egito. Já a mitologia permite falar da noção que os israelitas tinham em relação à irmandade dos habitantes da terra, bem como de sua cor. Para uma abordagem teológica, há a possibilidade de identificar a negritude com a opressão, de modo que ser oprimido é ser negro.

Mesmo com todas estas indicações de possibilidades de identificação de elementos e personagens negros na Bíblia, a pesquisa bíblica não tem se apercebido dessa presença. É preciso, portanto, haver uma troca de paradigmas, de modo que haja a possibilidade de visualização da presença negra na Bíblia.

Queremos levantar mais uma hipótese para essa negligência: não se

percebe a presença e influência negra na formação do povo israelita e da Bíblia porque há, ainda, muitos preconceitos etnocêntricos. O etnocentrismo é uma visão de mundo na qual há apenas uma história comum a toda a humanidade. Esta história comum tem diversos estágios, alguns mais avançados e outros menos. Os estágios mais avançados comumente são associados à cultura da pessoa que está efetuando a pesquisa.

Com este tipo de olhar, a interpretação bíblica tenderá, inequivocamente, a valorizar a cultura do pesquisador e depreciar a cultura de outros povos. Isso foi demonstrado por Pedro Acosta-Leyva, quando tratou da relação entre história e mito, onde o mito é visto como não-verdade na tradição teológica ocidental. Com esta depreciação, elimina-se parte das possibilidades de se falar de negritude na Bíblia.

Os mitos têm elementos baseados na experiência. Eles são uma forma de explicação da realidade. Claude Lévi-Strauss, por exemplo, defende que a mentalidade mítica e a mentalidade científica podem coexistir, ou melhor, coexistem simultaneamente.⁸ Se continuarmos esta linha de raciocínio, não faz sentido classificar algo como histórico ou como mitológico, como se estivessem em oposição. É preciso, portanto, superar o etnocentrismo: ele limita nossa capacidade de visão e de ação, pois de antemão cremos que nossa cultura ou experiência é melhor que a de outros povos ou grupos.

Qual a diferença existente entre limites paradigmáticos e etnocentrismo? Os limites paradigmáticos não permitem

perceber a presença africana na constituição da Bíblia. É como se não houvesse tal influência. Já o etnocentrismo pode ver essa influência, mas a minimiza ou deprecia elementos que a constituem. Rememorando o texto bíblico que inicia este artigo: a limitação paradigmática torna-nos cegos; o etnocentrismo torna nossa visão turva, de modo que não percebemos claramente, mesmo vendo.

Como superar a limitação paradigmática e o etnocentrismo?

Embora tenhamos dito que é preciso superar estes dois elementos que permitem a negligência da presença e influência africana na constituição da Bíblia, não dissemos se isso é possível ou como é possível. Nós cremos que é possível, embora não seja tarefa fácil. Com relação às limitações paradigmáticas, faz-se necessária uma revolução na pesquisa bíblica. É preciso uma mudança do paradigma que não está dando as respostas às questões levantadas pelo povo negro para um paradigma que dê conta de respondê-las.

Antes de haver tal mudança, é necessário que haja alternativas. E há. Peter Nash demonstrou que é possível identificar pessoas, lugares, tradições, etc. africanas em textos bíblicos. Basta que se façam as perguntas de um modo diferente. O paradigma atual não permite que façamos perguntas como: será que o paraíso fica na África? Esta pergunta é descartada. Outras perguntas que poderiam elucidar a questão da influência negra só poderão ser colocadas dentro de um paradigma que as permita. Esse paradigma é dado pelas

comunidades afro-descendentes, que têm perguntas a fazer à Bíblia. Essas perguntas, se respondidas, dão-nos os elementos para a construção de um novo paradigma para a pesquisa bíblica.

Quando James Cone, por exemplo, quis escrever seu livro “Teologia negra e poder negro” (*Black Theology and Black Power*)⁹, ele iniciou com a pergunta: o que a fé da comunidade negra tem a ver com sua luta política? A partir dessa pergunta, chegou à resposta de que era a fé da comunidade afro-americana que permitia e fortalecia para a luta política. A fé, portanto, pôde ser encarada como engajamento na política porque Deus mesmo era quem se compadecia das pessoas oprimidas.¹⁰ E as pessoas oprimidas eram o povo negro.

Com relação ao etnocentrismo, para superá-lo são necessárias duas atitudes: demonstrar seu caráter ideológico; aceitar uma postura mais relativista. Para demonstrar o caráter ideológico do etnocentrismo teológico, é preciso desconstruir o discurso etnocêntrico. Demonstrando-se suas limitações e incongruências, seus preconceitos, é possível propor o segundo passo. A valorização das outras culturas constitutivas da Bíblia se faz necessária, pois foi-nos negada a participação na história da salvação. Os afro-descendentes entravam na história da salvação sempre como um apêndice, na parte ligada à missão. Nunca foi sequer imaginado que estivessem presentes desde o início.

Por que falar sobre raízes afro-asiáticas na Bíblia?

É necessário falar da negritude da

Bíblia porque ela nos foi negada por muito tempo. A Bíblia foi utilizada para “domesticar” o povo negro. Com ela, pretendia-se ter um escravo mais dócil. Para tanto, não poderia haver identificação das pessoas negras com as histórias da salvação efetuada por Deus na história, apenas a salvação vindoura, espiritualizada. “É importante resgatar os valores, a integridade, a identidade e a auto-estima da pessoa negra através do livro que a excluiu e a oprimiu”.¹¹ Há a identificação do povo negro com histórias como as do Êxodo: por 430 anos escravizados em uma terra estranha. Há a esperança no livramento de Deus: o que Deus fez no passado pode refazê-lo no presente. Se ele foi poderoso para libertar os israelitas, é poderoso para nos libertar.

As imagens de Cristo que os escravizadores queriam transmitir eram de um rei distante ou a de um rei sofredor, resignado. Mas a imagem de Cristo que o povo negro no contexto de escravidão no Brasil tomou foi outra: a do Servo Sofredor.¹² Mas diferentemente do Cristo dos senhores de escravos, este não era um rei que simplesmente sofre resignadamente. Ele sofre em favor dos oprimidos, em favor do povo negro. Com isso, o povo negro vê que Jesus, com sua presença contínua ao lado dele, teve uma ação que permitiu sua dupla constatação:

a) *Percepção da existência como liberdade e não como escravidão*, fato que dava nova dignidade ao povo negro, desde a perspectiva de que estavam sendo expropriados de seu ser;

b) *Percepção de uma transcendência*,

o que permitia a luta contra a opressão, mesmo sob risco de morte, uma vez que sua humanidade era definida não pelos opressores, mas pelo próprio Deus¹³.

A reapropriação da história bíblica como sendo sua história dá novos elementos para uma significação da fé cristã ao povo negro, bem como torna-se elemento definidor de sua humanidade, na medida em que Cristo é o parâmetro da humanidade e sua vida e sofrimento têm elementos que permitem uma identificação com o sofrimento do povo negro.

Uma outra forma de ver a relação entre o sofrimento do povo negro e o sofrimento de Cristo pode ser percebida a partir do hino de Filipenses 2.6-11. Da mesma forma que Cristo esvaziou-se, o povo negro foi esvaziado. Cristo tinha a dignidade divina e renunciou a ela para tornar-se o libertador da humanidade. O povo negro teve sua dignidade humana retirada. A partir disso, talvez possamos falar de uma *kenosis* passiva ao tratarmos da experiência da escravidão negra? Não sabemos como isso seria possível no momento.

Notas

- 1 Estudante de Teologia na EST e de Ciências Sociais na UFRGS, bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico – CNPq e integrante do Grupo Identidade.
- 2 Estudante de Teologia na EST, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul – FAPERGS, integrante do Grupo Identidade.
- 3 Cf. Maricel MENA-LÓPEZ, nesta edição de *identidade!*.
- 4 Tomas S. KUHN, *A estrutura das revoluções*

- científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 148.
- 5 Peter Theodore NASH, “Negritude na Bíblia e na Igreja”, in: *Abrindo sulcos: para uma teologia afro-americana e caribenha*. São Leopoldo: EST, 2003, p. 100.
- 6 Este parágrafo está baseado em Peter Theodore NASH, “Negritude na Bíblia e na Igreja”, op. cit., p. 102-105.
- 7 Cf. Pedro ACOSTA-LEYVA, nesta edição de *identidade!*, onde ele trata da novela de José.
- 8 Cf. Claude LÉVI-STRAUSS, “Pensamento ‘primitivo’ e mente ‘civilizada’”, in: *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, 1985.
- 9 Cf. James H. CONE, *Black Theology & Black Power*. New York: The Seabury Press, 1969.
- 10 Cf. James H. CONE, *O Deus dos Oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- 11 Adriano H. OTTO, “Nascimento de Jesus numa perspectiva negra”, in: *Abrindo sulcos: para uma teologia afro-americana e caribenha*. op. cit., p. 174.
- 12 Cf. Antônio A. da SILVA, “Jesus Cristo luz e libertador do povo afro-americano”, in: *Existe um pensar teológico negro?* São Paulo: Paulinas, 1998.
- 13 Cf. James H. CONE, *O Deus dos Oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1985. Em especial o capítulo 8, que trata da relação existente entre o sofrimento do povo negro e a libertação divina.

Raízes afro-asiáticas nas genealogias bíblicas

Maricel Mena-López¹

Nos meus anos de pesquisa, tenho constatado a carência de trabalhos na América Latina sobre as origens afro-asiáticas da Bíblia. Isto é, sobre as relações existentes entre povos asiáticos e africanos no mundo antigo. Durante muitos anos de pesquisa bíblica, não se estudou a participação dos povos africanos na história do povo de Deus. Até parece que somente chegamos a nos introduzir na tradição bíblica judaico-cristã a partir do período da escravidão e colonização européia. Este artigo quer, em alguma medida, corrigir este erro historiográfico sério. Quer também chegar até as comunidades negras cristãs que acreditam que é possível resgatar a nossa identidade reconstruindo a nossa memória histórica. Este material quer ser um subsídio de trabalho para as comunidades, queremos integrar a antiga discussão entre o

acadêmico e popular. E demonstrar em nossas linhas que é possível fazer ambas discussões sem uma excluir a outra.

1. O jardim do Éden fica na África?

Alguém de vocês já se fez essa pergunta? A primeira vez que eu me perguntei pelo paraíso, nunca imaginava que poderia ser na África, terra dos meus ancestrais. Mas como poderia, se até então só tinha aprendido que a África podia ser o lugar do purgatório, da morada do diabo, do inferno, mas nunca seria o jardim do Éden, o lugar onde os nossos primeiros pais Eva e Adão viviam em harmonia. Deus poderia, com sua infinita misericórdia, até nos aceitar depois de muitos rogos e penitências, mas nunca escolheria a África como sua morada. Se deus era branco, no meu imaginário, era lógico que ele não